



CORREIO EDITORIAL
 AUTORIZADO A CIRCULAR
 EM INVÓLUCRO FECHADO
 DE PLÁSTICO OU PAPEL
 PODE ABRI-SE PARA
 VERIFICAÇÃO POSTAL
 DE00992015CE



Gaiato

Quinzenário • 16 de Maio de 2015 • Ano LXXII • N.º 1857 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
 Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
 Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Normas de Vida

PELA leitura das nossas Normas de Vida chega-se ao conhecimento da vocação do «Padre da Rua», que é uma chamada neles para a «evangelização dos Pobres, dos mais caídos e abandonados, nomeadamente a criança sem família ou em perigo moral e o doente incurável (8). É um chamamento de Deus a esta especial cura de almas» (10).

À semelhança da vocação genérica do padre diocesano, também o «Padre da Rua» trabalha «na Igreja na salvação de almas que têm um Pastor, em nome desse Pastor (11). Portanto não desvincula o padre do seu Bispo. O seu ideal permanece: Servir em nome do Bispo, em união com o Bispo – *Nihil sine Episcopo*» (14).

Esta missão especial, em que se constitui a sua vocação, é determinada por livre vontade do padre que com licença superior, se dá «totalmente a Deus na 'Obra da Rua'» (1).

Só o coração pobre numa vida pobre é capaz de evangelizar – «Ordenou-lhes que nada levassem para o caminho a não ser um cajado: nem pão, nem alforje, nem dinheiro no cinto; que fossem calçados com sandálias e não levassem duas túnicas». Este espírito anima a vida do «Padre da Rua» decidido a «viver uma pobreza heróica e dolorosa, amada por amor da pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo (30). «Os 'padres da Rua' não usam hábito. Não fazem votos. Não têm residência. Nem família, nem amigos, nem campos, nem interesses, nem nada» (16).

Os padres da Rua «são homens que não podem perguntar o que hão-de comer e vestir, sem deixarem, contudo, de trabalhar e poupar para terem sempre à mão o necessário, tanto para si, como para as multidões que os procuram (25). Sempre que necessário saiam a mendigar e recebam por amor de Deus, tanto o sim como o não. Os padres da Rua são mendicantes. Padres pobres ao serviço de uma Obra pobre (31). Vejam na afluência das esmolas uma obrigação de mais distribuir e melhor realizar» (33).

Unidos em um mesmo espírito e em uma Família, constituem um grupo sacerdotal (2) que «não os segrega da diocese» (7). O seu apostolado é um «serviço da Igreja na diocese» (12), vivido em espírito de obediência – são «obedientes por devoção» (35). A seiva que lhes dá vida provém da fonte dos «apassionados de Cristo» (17), sabendo ininterruptamente que «sem Ele nada é possível e com Ele nada é impossível» (18). Toda a inspiração provém do «Evangelho meditado e praticado.» Ele é «a sua regra» (24) de vida – «Sem Mim nada podeis fazer...»

A persistência em vencer as contrariedades, «a ingratidão dos a quem servem, se a houver» sofrendo-a «até ao fim» é caminho para chegarem «mais depressa à contemplação do Homem das Dores, que levou a vida mortal a servir (37); na «vida escondida do Mestre» pela qual crescem «em Graça e em santidade» (21).

Nesta altura do ano, em que lembramos os que se deram até ao fim na fidelidade à vocação do ser «Padre da Rua» – Padre Horácio, Padre Luís e Padre Carlos – no mesmo espírito em que nasceu a vocação do Fundador – Pai Américo – encontramos, neles e em cada um, «o homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final – a morte» (36). Das suas vidas ficaram sementes que hão-de germinar e florescer noutros corações. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

REZA a história que as reformas evangélicas da Igreja, foram sempre suportadas pelos mais pequenos e humildes. A experiência também o confirma. A voz profética e dogmática do Mestre comprova-o: *Eu te bendigo ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos.*

É verdade que o grande impulsor do Espírito mais radical saído do Vaticano II, é o actual Papa Francisco, que se agarra, ousadamente, sem preconceitos, nem medos, aos mais fracos, limitados, infelizes e perseguidos, mas a sua voz e a sua mensagem é captada somente por

aqueles que, como ele, TÊM CORAÇÃO POBRE. Os outros, desmancham-no, puxando a brasa à sua sardinha, o que é dizer, não só às suas conveniências e mentalidades, mas, também, a uma instalação acrisolada.

É o caso do Sr. João, que me apareceu a chorar, pedindo que o ajudasse na aflitiva situação de uma senhora, abandonada pela filha e com um neto deficiente, filho daquela.

Esta mulher desertou com um homem, sem deixar rasto.

Com ambas a trabalhar, a economia caseira ia-se aguentando. Agora, sozinha, com as despesas do neto defeituoso, as rendas da casa atrasaram-se, o senhorio

pressionava-a com ameaças de despejo, e ela, sem poder, procurava outra casa mais barata num bairro camarário, mas tudo leva tempo.

Este cristão, deu das suas poupanças o que podia e, depois, veio ter comigo, uma vez que sozinho não era capaz.

Muito eu gostava, que ele se tivesse dirigido ao pároco da sua freguesia, mas ele nem tentou, dadas as alturas a que a pessoa se põe.

«Eu já ajudei. A renda é cara. É uma casa ampla, por causa do deficiente. A Câmara ainda não disponibilizou. As pessoas não podem ir para a rua. Ela é uma mulher que se atira à vida. Precisava de 1010 euros.»

Foi quanto lhe dei, passando o cheque ao dono da casa.

Continua na página 2

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Imigrantes em risco

VAMOS tendo a oportunidade, e o dever, de nos encontrarmos, em comunhão, no quotidiano e na intensidade dos dias, também ao cair da tarde, no Terço e no jantar à mesma mesa dos pequenos que são vivaços quanto baste. Enquanto vão soprando e degustando uma tigela de sopa e a tentar acalmar, damos connosco a mergulhar nas suas histórias de vida difíceis e ao vivo, em que as feridas da imigração dos seus parentes pesam nas suas emoções e ilusões.

O *Pica-pau*, gaguejando, às

vezes cerra os punhos e borrifa-os ao mínimo beliscão *anelca*, para entretanto insinuar um balázio: – *Bolinha baixa!* O *Carneiro*, irritado, sorri quando o conduto lhe agrada à espera de um mimo: – *É delicioso!* Pois não, quando é frango e sendo ajudante matinal do tratador. Nos médios, terá sido desmantelada uma suposta *rede* de fabricantes artesanais de *armas ligeiras* de papel, em que se sumia fita-cola. Outra *confraria* laica (estão em voga...) surgiu na moda das físgas dos supérfluos elásticos coloridos, com os quais

querem tentar acertar nos companheiros e nalguma passarada, pois abundam as rolas.

Nestes considerandos tão triviais sobre picardias naturais entre irmãos, preocupam-nos seriamente os seus projectos de vida, pelas actuais envolvências, nomeadamente legais, e contingências no cuidado e promoção dos mais pobres. Aparentemente alheios à profundidade dos problemas atinentes ao seu acolhimento, arriscam a andar à larga dos botões aos cordões, sendo necessário rédea curta. Dizem os cartapácios da psicologia e a experiência paternal ensina-nos

Continua na página 2

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

VACARIA — A vitelinha mais nova de todas meteu a cabeça entre os tubos do parque, onde estava, e acabou por se aleijar. O «Meno» foi lá e tirou a vitelina e levou-a para lhe dar injeções, para ver se melhorava. Mas não melhorou e acabou por morrer. Depois, veio um camião buscá-la, porque é obrigatório. As outras vacas e os vitelinhos estão bem de saúde.

PARQUE — Na nossa serralharia estão a arranjar os baloiços, a roda, o balancé, os cavalinhos, etc.. Quando estiverem prontos vão ser colocados no parque infantil, para que os nossos «Batatinhas» e algumas crianças que venham visitar a nossa Casa, possam desfrutar deles. Depois, será arranjado o chão do parque. Vai ficar muito bonito.

FESTA — No Salão da Junta de Fonte Arcada houve um espectáculo de dança e ginástica. Os nossos «Batatinhas», e alguns crescidos, ensaiamos para irmos lá apresentar a nossa dança. O nosso grupo deu um *show*, de que as pessoas gostaram muito de nos ver a dançar e que estávamos de parabéns.

VISITA — Um grupo de alunos da Escola de Valadares vieram para visitar a nossa Aldeia. O Pina mostrou-lhes a Casa e falou-lhes sobre a nossa vida e sobre a vida do nosso querido Pai Américo. Perto do final da visita ajudaram-nos a arrumar os fardos de palha que estavam por arrumar. Eles gostaram muito da experiência e do convívio com os nossos Rapazes. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

FAZEMOS POUCO, É VERDADE, MAS... — Volto a um tema da crónica anterior e doutras. Para nós próprios e para outros, nas Conferências Vicentinas parece que fazemos pouco. Não temos todas as semanas casos que sejam motivo para “caixa” que dê notícia, a não ser o trabalho de acompanhamento das pessoas e famílias a quem procuramos ajudar.

Sendo humanos e pecadores, é sempre verdade que fazemos pouco. No que fazemos, fazemos asneiras, ou podíamos fazer melhor. No que não fazemos, há muita coisa que podíamos e devíamos fazer e, por isso, pecamos por omissão.

Dito isto, não é neste sentido que queria levar o tema desta crónica. Nestas e noutras andanças sociais, cada vez me convenço mais, e acho que não sou o único, que sem prejuízo de todos os “pecados”, atrás referidos, e da necessidade constante de procurarmos inovar e saber perceber o que há de novo nos problemas sociais, há duas coisas “velhinhas”, que estão no cerne da acção vicentina e doutras formas de acção social, que precisam de ser mantidas sempre: um trabalho de proximidade, inserido na comunidade onde vivem as pessoas que os Vicentinos procuram ajudar, atento ao conjunto de necessidades dessas pessoas como pessoas, mesmo que os Vicentinos só possam responder a uma pequeníssima parte dessas necessidades e com uma continuidade no seu acompanhamento.

Como disse atrás, nas andanças sociais, dentro e fora das Conferências Vicentinas, encontro com frequência situações onde estas características não estão presentes, incluindo em muitos projectos que se apresentam como sendo “socialmente muito inovadores”. Muitas vezes falta uma verdadeira inserção na comunidade e um efectivo envolvimento da comunidade no apoio aos seus membros mais vulneráveis. O que se vê, é gente que vem de fora com “boas” e “novas” ideias, que aterra por uns tempos enquanto há dinheiro para financiar os seus projectos e que depois se vai embora quando esses projectos acabam, não deixando para trás nada de sustentável na resposta aos problemas sociais.

Também falta, muitas vezes, a atenção às necessidades das pessoas no seu todo e com todas as suas virtudes e defeitos como pessoas. Por exemplo, nos últimos tempos na nossa Conferência, temos *passado as passas do Algarve* por causa dos defeitos de algumas das pessoas que acompanhamos, mas é assim que tem que ser. Não podemos desistir delas por causa disso. Esta atenção às pessoas como pessoas e esta paciência, persistência e trabalho de continuidade também faltam muitas vezes nos projectos sociais, incluindo nos que se dizem “socialmente inovadores”. Cai-se no enfatizar determinadas soluções que só olham para um lado dos problemas e das pessoas, privilegiando-se muitas para o que apela a soluções mais “modernas”, que dão mais nas vistas e que têm mais “impacto”.

Os Vicentinos precisam de procurar fazer sempre mais e melhor, estando atento ao que é novo nos problemas e nas respostas sociais, mas não devem embarcar em vícios que são “velhos”, embora vestidos com roupas novas. O essencial da acção vicentina que está bem condensado na “visita domiciliária” é para manter sempre, mesmo que isso pareça ser fazer pouco e resolver pouca coisa. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

ARRANJOS — No sector da roupa, tem-se continuado a dar a volta àquele vestuário que não serve e não é preciso para os nossos Rapazes, encaminhando-o para outras necessidades. Nesta secção, colocaram-se algumas estantes metálicas e armários. A 5 de Maio, foi-se à nossa casa — Lar de férias na Praia de Mira — fazer uma limpeza interior e exterior.

BRINCADEIRAS — A malta anda mesmo aferroada com o jogo

do berlinde no parque, onde se fizeram umas pocinhas; às vezes, as coisas dão para o torto. Alguns juntam mais berlindes do que outros.

AGROPECUÁRIA — Os campos da nossa cultura de aveia agradeceram as chuvas que têm caído.

A 29 de Abril, foram carregados e seguiram, num camião, 483 fardos de palha de aveia para a sede da nossa Obra, pois a nossa

produção é grande e assim os terrenos são todos cultivados e partilhados do nosso trabalho com muito gosto. A horta de baixo (junto às alminhas) está com um bom couval. Deram-nos muitas centenas de pés de cebolo, que foram plantados na horta de cima. As alfices estão a desenvolver-se. Nas sebes de láureos, plantaram-se mais arbustos em falhas, à volta da nossa Casa (ruas Casa do Gaiato e Padre Horácio) e no jardim da nossa Capela. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

que dos três aos treze, é fundamental e premente incutir regras básicas e também, entre nós, a exigência das obrigações. É uma tarefa árdua pelas proveniências e circunstâncias, considerando que crescem na maior fatia do arco do dia em Escolas Básicas concentradas e massificadas.

São filhos com marcas de dispersões familiares e conflitos sociais, dos milhares de imigrantes em Portugal, que é quase todo mar e global pela língua, em infeliz desacordo (ao negligenciar o Latim...). Também ao nosso povo, que rasgou longe os mares, vai doendo imenso o que tem acontecido nesse Mar Mediterrâneo. No sofrimento atroz daqueles que são vítimas de traficantes sem escrúpulos, nas viagens de ilusão para fugirem das guerras e perseguições e da fome, é pungente gritar ainda em socorro: *Salvai as suas almas. E também os cristãos...*

Tristes como a noite e enquanto se dobravam os sinos por vidas humanas enganadas, nessa rota de morte, chegou até nós uma curta ligação esforçada e saudosa do pai do Mário, dito *Barrigana*, da costa ocidental de África: — *Não tenho meios de ir para Portugal...* Porém, rejubilou quando soube que o seu filhito já tem cartão de cidadão: — *Nacionalidade!* Realmente, em cima de um banquito, tinha escrito o seu nome, numa Conservatória de gente despachada, embora seja uma zona muito populosa. Sendo *a leitura, porventura, a maior das invenções humanas*, o pequenote,

com tantos anitos como os dedos de uma mão, comprovou-a escrevendo e lendo alto. Também este miúdo se porta *terrivelmente bem*, sem parano.

Estamos diante de um grande desafio, ao qual também a Igreja e a sociedade em Portugal têm procurado responder com proximidade, conjugando meios e vontades, em centros de apoio. São irmãos e irmãs nossos, *peças como nós*, que sulcaram mares na mira de uma Europa rica, em busca de melhores condições de vida e cuidados de saúde. Neste acolhimento e acompanhamento de imigrantes, em risco de exclusão social e marginalizados, como os africanos, qual gota de água de um vasto oceano, temo-nos obrigatoriamente adentrado em serviço, pois esta velha nação do Velho Continente também é, e cada vez mais, País de missão.

Das aflições de imigrantes, na maioria menos lancinantes do que do *mar da morte*, as que vamos encontrando dizem mais respeito às necessidades básicas e à sua legalização. Estas vertentes são essenciais para dignificar e integrar os imigrantes. *Era estrangeiro e acolhestes-me*. Entre aqueles que carecem de ajuda alimentar, eis uma voz embargada: — *Padre, ajude-nos no comer dos meus filhos*. Outro dia, de trânsito complicado, foi inteiro num centro de apoio a imigrantes, por via da situação e facturas dos documentos dos membros de outra família. Nesta questão, pesam os passaportes e títulos de residência. Há muitos casos, *de pescadinha de rabo na boca*, devido ao desemprego e precariedade laboral, pois

sem contrato de trabalho não é possível legalizar um imigrante.

Associadas a isto têm surgido, recentemente, situações em que parentes de menores, também entre nós, partiram mais uma vez para outros Países, como a Inglaterra e a América do Sul. Para um Rapaz, cujos pais estão ausentes e nasceu na Maternidade Alfredo da Costa (em Portugal!), ainda se espera pelo seu título de residência. Outro pai de rapazote acabou por se despedir *até prò ano*, destas paragens a que rumara para trabalhar na construção civil. É daqueles operários que se lamentam de vigarices salariais e intrujices de descontos.

A tarefa exigente da melhoria das condições de vida dos mais frágeis, numa sociedade tão penalizada pela alta finança, também está focada nos imigrantes e refugiados necessitados e em perigo. É um mar de lágrimas a injectar de esperança, com a confiança no Mestre, que é a Âncora segura para se caminhar de pé sobre as águas das diásporas. Nestas andanças, parece-nos haver algum risco de ser cristão também em Portugal...

Estas lucubrações fizeram-nos chegar ainda à questão da causa das coisas, isto é, das fraquezas da imigração, que geram natural indignação. A quem pesará a consciência, nos países de traficantes humanos e que vendem as armas e multiplicam o terrorismo e as guerras? Apostar e não disputar, na labuta dos recursos da terra e do mar, deve deixar espaço a todos para caminhar. Jesus deixou Nazaré e experimentou plenamente o risco de trabalhar e amar. Por isso, está tão pertinho de nós e a olhar-nos do patíbulo da Cruz, donde irradia sempre infinitas centelhas de Luz! □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Os verdadeiros cristãos afligem-se, repartem, sofrem a incapacidade pessoal e o alheamento dos pastores que têm um Púlpito todos os Domingos para pregar o Evangelho, o qual deve ser anunciado sempre com os pobres na baila, como fazia Jesus nas suas exigentes e claras catequeses do Reino de Deus.

Os verdadeiros cristãos alegrem-se, exultam com as ideias de Francisco, comprometem-se com os seus exemplos e vivem sem rodeios a verdadeira fé. Não se deixam ansiar por ir a Roma ver o Papa, mas exigem da sua vida uma efectiva comunhão com Ele.

Outro, veio pelo telefone. É um advogado cristão a quem tenho

recorrido, com proveito, nas minhas aflições.

«*Venho importuná-lo. Tenho comigo um casal com muitos filhos. O seu instrumento de trabalho é um carro que avariou e o homem da oficina não lho entrega sem o pagamento de mil e quinhentos euros.*

«*Será que o Património dos Pobres lhes poderia valer?»*

Após mais umas perguntas da minha parte, surgiu a resposta:

«*Sim Senhor, o Património dá 750 euros, e o restante empresta-o, exigindo o reembolso de 50 euros/mês.*»

Podia não dar nada, dizer que não tenho, como faço, por vezes, quando não vislumbro a verdade

dos queixumes. Podia também, dar tudo, porque era uma real situação e a pessoa que ma expunha merecia toda a confiança, mas era necessário que esta família em dificuldade sentisse o aperto de outras, a quem deverei dar a mão, e colaborasse como tanta gente que, com enormes sacrifícios, partilha comigo as suas economias.

O *Património* é obrigado, por natureza específica, a ser, como sempre foi ao longo da sua dilatada vida, um educador social. Acode aos mais aflitos e *divide o mal pelas aldeias*.

As receitas médicas, indispensáveis à saúde dos pobres sem recursos, as rendas da casa, os arranjos urgentes e angustiosos das moradas, as aflições que diariamente me entram na alma; tudo tem de ser pesado ao repartir. □

SETÚBAL

Padre Acílio

D. Isaura

TEM estado muito mal a Senhora D. Isaura. Uma doença do foro oncológico, rói-lhe a saúde e faz dela uma vítima que, pela fé e confiança, a exemplo de Jesus, se oferece totalmente ao Pai.

Sempre foi a vocação desta mulher: consagrar-se ao serviço de Deus, através dos pequeninos que não têm mãe, silenciosamente, sem aparatos de consagração, mas com humildade, sem a segurança de um instituto, mas confiada na Providência Divina.

Os seus votos secretos, realizam-se plenamente e agora saboreia: *Como é bom confiar no Senhor.*

A equipa de saúde que a acompanha tem sido impecável, pronta e amorosa. Não lhe tem faltado com nada e sobra-lhe sempre um rio de afecto para a consolar.

Todas as tardes, no final do Terço, os rapazes rezam pela D. Isaura. Esperamos que Deus lhe mantenha a vida no meio de nós, por muito tempo, e nos dê alento para a confortar.

Tribunal

NO sábado à noite houve, aqui, um longo *tribunal*, muito sério. Quem o fez, foi o Vasco! Ele é que chamou os réus para o meio da sala de jantar e começou a inquiri-los.

Naquela tarde de muita amargura, a Psicóloga veio comunicar-me, que tinha acabado a sua intervenção a *três meninos* por se terem portado tão mal na sala de encontro e explicações.

Um começou a andar de *skate* na sala, desprezando a Senhora que o repreendia, outro com o

telemóvel fazia de conta que estava no recreio, e outro ainda, ria das parvoíces dos companheiros e da impotência da psicóloga.

Tenho muito respeito pela técnica. Pelo seu saber, madureza e gratuidade, por isso me doe muito a queixa e a posição assumida.

O Vasco, com a calma que lhe é própria, fez-lhes ver a infantilidade do seu procedimento, a ingratidão que este representava e o mau nome que lhes atribuíra.

Eu escutava com admiração e algum gozo. Na sala de jantar reinava um silêncio sepulcral. Todos os olhos se cravavam no Vasco, nos réus e todos seguiam atentamente o desenrolar dos raciocínios.

O castigo maior foi àquele que está em Casa há mais tempo, três meses a lavar loiça à noite, sem folgas; para o outro, dois meses; e para o último, que só ria, um mês.

O tribunal presidido pelo rapaz, tornou-se mais eficiente do que todas as conversas que tenho tido com eles. Isto verificamos nós, que vivemos de perto os casos e as pessoas.

Cariços

SÃO convidados da nossa quinta, não sei onde fazem os seus ninhos e se acoitam das tempestades ou durante a noite. Vejo que aparecem sempre, na alvura das suas penas, na fidalguia do seu pescoço levantado, atrás das máquinas agrícolas, a cortar a erva ou o milho, a gradar, a fazer lavoura, atrás da fresa, ou do semeador. Os cariços são os companheiros do Amândio, do Fernando e do Bita. Onde máquinas a mexer a terra, lá estão estas aves, branqui-

nhas, a transmitir poesia a quem trabalha.

A nossa quinta é rica de passadeira.

Há dias fui dar com um bando destas aves, misturadas com cegonhas, poupas, corvos negros e pardais, cada uma a debicar a terra, em busca dos bichinhos do seu apetite. Os seus olhos revelam um alcance admirável.

Desgostos

ALGUÉM, não sei dizer porquê, veio de noite ao nosso galinheiro, e matou as galinhas, os galos, os frangos, as fracas, os patos e até o pavão.

Logo de manhãzinha, Monchique, que ia tratar das aves, encontrou aquele macabro espectáculo. Os bichos jaziam mortos, cobrindo todo o chão do estábulo. Ele, que todos os dias trazia para a Senhora um balde de ovos das suas galinhas, ao contemplar, surpreendido, a triste cena, começou a chorar e veio apressado comunicar à Senhora, que o atendeu da janela do seu quarto:

— *Olhe que nos mataram as galinhas todas.*

Fiquei verdadeiramente atarado com tão grande vingança!

Quem será? Que cortou com a tesoura as redes metálicas do aviário, introduziu lá dentro cães treinados e nos causou tal desgosto. Quem será?

Desde há dois anos que temos sido alvo de todas as acusações. Fomos inspeccionados pela Judiciária, por veterinários, médicos, engenheiros e todos, por sua vez, lamentaram as acusações:

— *Como é possível a uma Casa destas!*

Será que quem nos faz isto tem cobertura? Talvez! É pena! □

MALANJE

Padre Rafael



Queridos gaiatos...

TIO António, que está numa cadeira de rodas, ficou aborrecido porque, um destes dias, por engano, pusemos-lhe pedaços de pão na sopa. Normalmente ele pede-nos que deixemos o pão ao lado da sopa, o que me surpreendeu. Passados alguns dias, vi como comia apenas um pouquinho e guardava o restante na algibeira da jaqueta. Pensei que seria para comer mais tarde.

No dia seguinte, reparei como, no final da refeição, o Valdemar, outro gaiato que come convulsivamente, se aproximava dele e, depois de receber o pedaço de pão que tio António lhe dava, se retirava feliz e satisfeito.

Passados dias, vi, para minha surpresa, dois pardais ao pé da cadeira de rodas de tio António, tão próximos que quase podia apanhá-los com as mãos, e vi como ele metia a mão no bolso e lhes dava migalhas de pão, e os pássaros iam e vinham... Não aguentei que não lhe dissesse que o vi a repartir o pão com os pássaros. Tio António pediu desculpa e disse-me: — *Os pássaros também têm direito a comer um pouco de pão.*

Há dias, ao repartir o pão disse ao tio António: — Tome mais um pedaço para os seus pássaros, este é do meu pequeno-almoço, e obrigado, porque quando damos do que nos sobra, alimentamos o corpo, mas quando damos do que necessitamos, também alimentamos o coração.

Hoje, despedi-me do Calvário. Quando o visitamos, ficamos fascinados com a sua construção, as suas árvores, as suas flores... E vou ficar com tio Joaquim a dar de comer ao Chico, com o Carlos a fazer a cama do Faneca, com a Maria José a lavar os pratos, com a Fátima a levantar a mesa, com o Nana dirigindo o Terço, com o Jorge cuidando das batatas, com... com... E como esquecer esses trabalhadores que se gastam todos os dias ou os voluntários que há décadas os servem...

O Calvário pede para ser vestido, mimado, protegido por toda a Obra, como mãe que é. São nossos filhos. São vossos irmãos. É a nossa família. Obrigado a todos, especialmente ao meu irmão mais velho, o Padre Baptista. □

«Ó PRIMO...!»

Padre João

O João é mais um dos «sem família» — estável e segura — a fazer parte desta Casa do Gaiato. Eu, na altura em que ele foi recebido, não estava por cá. Quando cheguei, ouvia, de vez em quando, alguém a gritar por «alguém», em termos familiares, de forma tão afectuosa quão pertinente: «ó primo... ó primo...!» — Ora, por socorro, ora por aprovação. Estranhei o tratamento familiar com que o miúdo se exprimia. Tais apelativos de familiaridade estariam relacionados com as vivências familiares da primeira infância, certamente, pensei; feita de primos que o seriam, de facto, ou não...! O curioso é que este «apelativo» constitua, agora, uma «passe» para que o João aceda ao «mundo dos outros» e os outros, ao seu.

Fui percebendo que primos especiais são o Rodrigues e o Fernandito, dois antigos gaiatos, casados, dos quais o João poderia ser filho.

Será que ao usar este apelativo, o João não quererá antes dizer pai?! E fico a pensar neste assunto, aparentemente banal, mas de alguma importância para ele, creio. Uma criança é um sujeito de direitos, porque a aprendizagem dos deveres será uma consequência do respeito verificado na observância daqueles.

Na proximidade do Dia Mundial da Criança, a reflexão sobre este assunto não pode ser descuidada. Nunca será demais fazê-lo. O João representa o mundo delas, sobretudo das mais pobres, as privadas de afecto e estabilidade emocional — uma pobreza dilacerante, nos dias que correm.

Cá, em Casa, o nosso Rapaz tem como tarefa principal auxiliar o «Monchique» que toma conta da pocilga — um mundo cheio de vida! São dezenas de suínos de todos os tamanhos, desde as ninhadas encantadoras dos recém-nascidos, até aos prontos para abate. Um mundo-vivo

que haverá de subtrair, o João, às suas dificuldades maiores...

O João parece sentir-se feliz neste «mundo novo», aliás, o mais indicado para complementar a terapia química da sua hiperactividade diagnosticada. Nada melhor que um grupo-família que o refreie nos seus ímpetos para dominar ou, de formas diversas, captar atenções e ser o «centro».

Às vezes, parece pouco cuidado consigo mesmo... O seu «desalinho» espontâneo faz-me lembrar a advertência sábia de certa avó à sua nora, quando esta se deslocava da cidade, onde vivia, ao campo com o seu «rebento» e se desculpava com a sujidade nas terras para não ir a casa da avó: «Deixa-o sujar agora; em grande é preciso mais cuidado...!» Grande sabedoria! Aqui já pensamos na verdadeira educação para os valores maiores — a mais descuidada no mundo das crianças, em nossos tempos. □

CASA DINA

INFORMAMOS os nossos Amigos que a Casa Dina, onde até aqui estávamos presentes por amizade da Senhora D. Dina e seus colaboradores, que acolhiam as ofertas que nos eram dirigidas e tornavam mais fácil para os nossos Assinantes e Leitores nos fazerem chegar as suas contribuições para O GAIATO e a nossa Editorial, encerrou a sua actividade. Por tal motivo deixamos de ter esta ajuda, útil e muito amiga, que reiteradamente agradecemos, desejando que Deus os recompense pela dedicação e conseiras que nos dedicaram. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • www.obradarua.org.pt
obradarua@iol.pt

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Contribuinte N.º 500 788 898

Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal: 358514/13

VINDE VER!

Padre Quim

Flores à porta

PELA nossa porta aberta passam, diariamente, muitos corações generosos, cada qual como pode, à sua maneira e na medida do seu amor. O que conta mesmo é a simplicidade dos bons gestos e grandeza, com que agradecemos, ao recebermos a oferta que nos chega. Agradam-nos, porque ao passarem pelas nossas mãos simples, são distribuídas aos pobres, destinatários originais de quanto recebemos.

Há dias, no pátio da Universidade, uma doutora questionava sobre as instituições carenciadas com o fim de se canalizarem algumas ajudas para as mesmas, segundo o objecto social da referida instituição de Ensino Superior. E como a questão tinha sido dirigida a mim, falei-lhe logo das necessidades da nossa Casa, como não podia ser diferente. A senhora doutora disse, em resposta, que o Gaiato já é muito ajudado, e é verdade. O que não sabe a senhora doutora é que o Gaiato recebe para dar aos pobres. E, por isso mesmo, porque muito ajuda, é ajudado. Não houve mais objecções à volta do assunto. A justiça ainda tem voz, mesmo que haja muitos ouvidos que já não ouvem. Há cerca de um ano, passou aqui uma senhora de quem desconhecíamos tão grande generosidade, não é pelo que nos oferece, mas é pela forma como o faz. Não nos traz moedas de kwanzas, nem géneros, mas traz-nos, todas as sextas-feiras, um vaso de flores frescas e perfumadas. E diz com o seu coração: — *É para no Domingo enfeitar a Capela.* — Se com os frutos bons da terra nos alegrarmos, quanto mais não se alegrará Deus com os bons frutos do coração dos homens?

Tudo começou quando um dia veio a nossa Casa pedir uma carrinha de estrume. Na ocasião, perguntei se trabalhava em algum projecto agrícola. A resposta foi, que estava a tentar transformar o seu quintal num jardim. Quando começaram a chegar as rosas de porcelanas, e outras, às sextas-feiras, pelas mãos da empregada, então é que soube da verdadeira origem. Quem semeia espera colher. Começámos nós por dar o que tínhamos sem esperar nada em troca e, hoje, ela dá também sem esperar retorno. E nosso Senhor tem, durante toda a semana, este presente agradável, que expressa o quanto o coração está cheio.

Por falta de chuvas neste últimos dias, quando a empregada desta senhora veio trazer-nos as flores para o Domingo, perguntei como continuavam a ter flores num tempo difícil de seca? E fiquei muito admirado com a resposta desta mulher: — *Senhor Padre — dizia — nós temos poucas flores, sim, mas a patroa diz que não podem faltar flores para Jesus. Por isso, não faltamos às sextas-feiras* — concluiu a mulher. Foi como um suave perfume subindo à presença de Deus. É a oração do fim da jornada. Quem consegue compreender assim, é feliz. A fé ultrapassa as barreiras do capitalismo e coloca, já, em outra dimensão, aqueles que não se deixam amarrar pelo lucro.

No nosso jardim há variedade delas ainda em desenvolvimento. O capim é espinho que sufoca e mata a boa semente lançada à terra, que só com a enxada se pode libertar o rebento. Os vícios, que pela onda da vizinhança vêm tropejar em nossos terrenos, causando enormes tempestades, são como os espinhos que não deixam crescer as virtudes no coração do Rapaz.

Boas sementes, hoje, lançadas à terra, são prenúncio de boa colheita no campo sagrado da Humanidade. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria



A nossa Casa é um refúgio...

DEFENDEI-ME Senhor, Vós sois o meu refúgio. Nesta hora em que há homens malucos e gananciosos que dominam outros através de fornecimento de armas, de manobras políticas sujas, de teimosia de poder, de greves, fazendo pouco dos outros ou reduzindo-os à insignificância ou, até, a meros escravos da sua opulência. Os fanáticos que em nome de Deus, ou será da sua loucura, matam, destroem e entronizam-se como futuros donos do mundo. Há os que, perante toda a loucura, sarcasticamente castigam as ideias e as loucuras e conseguem desanuviar um pouco a paisagem humana, com desenhos expressivos, com filmes, com mensagens que correm o mundo e dizem que «o rei vai nu». Quem um dia quiser fazer a história, até vai rir-se de tanta parvoíce, tanta fantochada, tanta asneira — e no mar encapelado deste século houve tanta disparidade, desigualdade, desumanidade, atrocidade. Será que no meio de tudo vai triunfar a reconciliação, o amor de irmãos, para os homens que restarem neste mundo descobrirem o Caminho, a Verdade e a Vida?

A nossa Casa é um refúgio, autêntico dom concedido por Deus, no meio desta confusão. Posso deliciar-me quando, ao fim da refeição, vejo os mais velhos, que vêm da cidade, a discutir entre si a política corrente, apreciando ou depreciando comportamentos da semana. Olho para eles e penso: o que será o mundo deles, se houver muitos que saibam fazer crítica e autocrítica, que era um dos apanágios de Samora e que hoje desapareceu da linguagem corrente e foi substituída pelo deixa andar.

Delicio-me, no fim da oração do final do dia, com o Chefe a perguntar se alguém tem alguma coisa a dizer e há sempre um mais velho, ou nem tanto, porque esses andam nos dezassete, dezoito anos, que em vez de acusarem, se levantam a dar conselho aos que viram fora do seu lugar de trabalho ou deixaram obrigações por fazer, explicando como esse comportamento prejudica os outros.

Delicio-me quando todos sobem ao refeitório, alguns até pequenos, e trazem às cavalitas os mais pequeninos. Como eles aprendem o dever do acolhimento e que lição aos grandes deste mundo, que largam na marginalidade e na extrema miséria milhões, em nome da economia.

Deliciam-me as vocações dos nossos rapazes. O Lucas teimou enveredar pelo Direito e agora candidata-se a uma bolsa do Japão que o pode levar para outras paragens. Ironia da sua vida que teve um princípio tão difícil e agora vê caminho desafogado para se realizar.

Deliciou-nos a todos a vinda do César à mesa do refeitório, com um braçado de peças de roupa dobradas nas mãos. Ele tem doze anos. No início do lectivo pediu para trabalhar na sala de costura, iniciativa dele, que até estranhámos. Pois, veio mostrar uma série de aventais de refeiteiro e guardanapos de mesa com a respectiva saca. Foi ele sozinho que cortou e costurou, para ninguém pôr defeito. Isto fora do tempo de aulas e estudo. À nossa mesa estava uma visita que dá cursos de corte e prometeu-lhe a admissão a um curso que dá na cidade. Outros três com o curso de hotelaria e turismo feito e praticado em hotéis, durante vários anos, mas a cozinha aprendida aqui, abandonaram os hotéis e dedicaram-se a uma sala de ginástica onde vai gente de posses. Ao mesmo tempo atendem demandas particulares; e até o Alberto Ricardo, que estuda nutrição na Universidade, foi convidado, como melhor aluno, para durante uma semana confeccionar as refeições, todas diferentes, num Congresso. Quiseram saber quem era, para o parabenizar.

Esta Casa do Gaiato é verdadeiramente um refúgio de bem concedido por Deus. E Pai Américo deve estar contente pela pedagogia que nos deixou. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Somos a Família dos sem-família

ESTOU a escrever-vos no Dia da Mãe. Diante dos meus olhos há uma multidão de filhos que perderam a mãe. Ficaram abandonados. A mãe é o coração da sociedade. Os filhos não podem viver sem o amor de mãe. Por isso, a nossa Casa do Gaiato quer ser a Casa de Família dos filhos sem família, onde não lhes falte o amor de mãe, incarnado no coração feminino daquela que deixou tudo para se entregar a estes filhos. Também são vossos. Quem dera esta realidade entre, sem reservas, no coração de cada um e de cada uma.

Vem a propósito a passagem da Sagrada Escritura, proclamada na manhã deste 5º Domingo da Páscoa: «Filhos, não amemos somente com palavras nem com a língua, mas com factos e em verdade». Este pensamento das obras de amor desce, ainda mais, ao concreto nas seguintes palavras: «Aquele que tiver bens deste mundo e vir o seu irmão em necessidade, mas lhe fechar o próprio coração, como pode morar nele o Amor verdadeiro?» É uma proposta humanamente muito rica. Significa que, no fundo da nossa vida, há uma espécie dum veio abundante de água viva que a torna fecunda. Por isso, teremos uma vida feliz, porque é uma vida fecunda. Esta linguagem será tanto melhor entendida, quanto mais for experimentada. Temos a prova nos testemunhos que acompanham os donativos, generosamente feitos pelos cora-

ções generosos e muito sensíveis às nossas necessidades financeiras também. Continuamos a viver com muita esperança, alimentada também pela vossa generosidade.

Quem nos dera poder receber mais filhos que perderam o amor familiar e ficaram abandonados! São uma verdadeira multidão. Vamos tentar resolver alguns problemas relacionados com o emprego dos rapazes mais velhos, a viver em nossa Casa. Deste modo, a sua colocação no exterior, a viver por sua conta, com o fruto do seu trabalho, tornava possível a entrada de novos filhos nesta sua Casa de Família. Será uma hora feliz para todos. Por isso, é uma ajuda de muito valor para a Casa do Gaiato o emprego nos lugares de trabalho do exterior. Algumas empresas têm sido, na verdade, muito amigas com esta forma de ajudar.

Ao mesmo tempo, queremos pôr em acção todos os meios disponíveis para a sua preparação humana e profissional, no presente e no futuro. No sábado passado teve início um novo curso de informática na sala apropriada. Os nossos rapazes, que ainda

não beneficiaram deste meio, são os alunos. Queremos, também, ajudar alguns jovens que vivem com suas famílias, fora da Casa do Gaiato. Assim aconteceu. Os instrumentos foram uma oferta generosa feita à Casa do Gaiato. Queremos pô-los a render o melhor possível. É um momento feliz, porque é uma oportunidade para uma vida futura mais segura. Os monitores responsáveis por este curso são rapazes da Casa do Gaiato na sua totalidade. Há, sem dúvida, uma pedra fundamental, o nosso querido Eng.º José Luís, com a entrega da sua vida ao serviço da nossa Casa do Gaiato. Os monitores fizeram o seu curso, em anos anteriores e, agora, partilham a riqueza da sua sabedoria com os seus irmãos. Concretiza-se, deste modo, o lema fundamental da nossa vida: *Obra de Rapazes para Rapazes, pelos Rapazes*. Deste modo, vamos continuar, de mãos dadas convosco, este serviço de Amor, que será tanto mais fecundo quanto mais generoso. Com um beijo para todos vós dos filhos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Benguela. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Não repares de eu falar hoje aqui na primeira pessoa, que o faço com letra minúscula. Quando a gente lida e sente de perto a multidão dos Estropiados, fala assim no singular, a ver se outros operários vêm para a Vinha do Senhor no plural, seja qual for a terra, idade ou condição.

in Pão dos Pobres, 3.º vol., p 86